

## Gênero e Turismo na História: Reflexões sobre a construção do imaginário brasileiro nos séculos XVIII e XIX

Cassiana Gabrielli<sup>1</sup>

**Resumo:** Sabe-se que o turismo se caracteriza por ser uma atividade em que interações pessoais e culturais são vivenciadas de forma peculiar, propiciadas pelo contato real com locais e culturas muitas vezes conhecidos apenas imageticamente até a efetivação da viagem. Observando que viajantes e autóctones só têm contato no momento da própria experiência do deslocamento, a antecedência é marcada pela imaginação sobre o lugar e sobre os acontecimentos que virão. Considerando tais pressupostos, pretendemos discorrer sobre a colocação da mulher na constituição do imaginário nacional, atrelando tal apreciação as formações discursivas sobre as viagens empreendidas no Brasil entre o século XVIII (quando certa ordenação permite identificar ações próximas do que se conhece por turismo) e o XIX (quando se encerra oficialmente o período colonial brasileiro), a fim de verificar como tais posicionamentos influenciam a representação sexualizada das brasileiras nos discursos contemporâneos.

**Palavras-chave:** Gênero. Turismo. Imaginário.

### Introdução

A história "tradicional" tem relegado as mulheres ao segundo plano, ou mesmo à invisibilidade total, nos relatos sobre as mais diversas culturas, períodos e fatos históricos. Por conta dessa conjuntura, com o advento dos estudos de gênero e, feministas, diversas pessoas envolvidas com pesquisas históricas têm se dedicado à reavaliação dos métodos e fontes utilizados, a fim de reverter tal situação. Dessa forma, objetiva-se possibilitar a visibilidade das mulheres e, seus feitos, ao longo dos tempos, ou seja, a inclusão das mulheres na história. Pois, mesmo que apareçam vez ou outra em relatos históricos, Aranguren nota que "estas figuras [mulheres] são seres estereotipados, que pouco tem a ver com a realidade e que não tem merecido uma investigação rigorosa" (1991, p. 103). Situação essa percebida claramente nos relatos de viajantes que se destinaram ao Brasil colonial, favorecendo a manutenção e

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo UFPR; Mestre em Cultura e Turismo UESC; Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre

disseminação de um imaginário androcêntrico que estende seus tentáculos até a contemporaneidade.

Concomitantemente a manifestação da história das mulheres, o gênero passou a ser uma categoria analítica fundamental para o entendimento da ordem social. Isso se deu, principalmente, a partir da década de setenta do século passado, quando a atuação de movimentos feministas e, também, outros movimentos voltados ao reconhecimento de sujeitos periféricos na historiografia tradicional, conquistaram acesso aos locais de produção científica. Neste momento, a ciência sexista e androcêntrica passa a ser questionada. Nesse sentido, Soihet lembra que,

não se trata somente de reconstituir os discursos e saberes específicos às mulheres, nem mesmo de lhes atribuir poderes não reconhecidos. É preciso compreender como uma cultura feminina se constrói no interior de um sistema de relações desiguais, como ela mascara as falhas, reativa os conflitos, baliza os tempos e espaços, como, enfim, pensa suas particularidades e suas relações com a sociedade global. (2000, p.15)

Já que a história é um discurso, articulado por uma pessoa que tem seu próprio olhar e, sua própria subjetividade, considerações sobre quem fala e, sobre o que fala, devem ser pensadas conjuntamente com as produções analisadas. Pensando sobre a invisibilidade das mulheres na história, percebe-se que elas, quando aparecem, são sujeitas ao olhar "do outro", de um diferente, dos homens. Por muito tempo, foi somente relatos masculinos que se fizeram presentes na historiografia em geral. Procurando articular tais relatos históricos ao imaginário constituído sobre as brasileiras, vê-se que elas são observadas e retratadas por homens estrangeiros, "duplamente outros", o que possibilita questionar a veracidade pretendida pelos relatos dos viajantes que aqui estiveram desde o período colonial.

Vale ressaltar que através da experiência turística, contrasta-se o diferente e o "normal", sendo que, através dessa "oposição", é possível apreender as dinâmicas dos grupos sociais, mesmo fora do âmbito turístico. Pois, através das trocas entre visitantes e visitados, evidenciam-se aspectos de práticas "normais", que podem passar despercebidas quando inseridas no seu contexto de origem. Se é na alteridade que se "reconhece" a identidade, o turismo é um meio

prático pelo qual se pode ter contato real com o outro, possibilitando a identificação, ou não, dos sujeitos, confronta-se assim, suas próprias identidades. Como observa Urry,

Ao refletir sobre os objetos típicos do olhar do turista, poderemos utilizá-los para entender aqueles elementos da sociedade mais ampla com os quais eles contrastam. Em outras palavras, levar em consideração como os grupos sociais constroem seu olhar turístico é uma boa maneira de perceber o que está acontecendo na “sociedade normal”. Podemos recorrer ao fato da diferença para interrogar o normal através da investigação das formas típicas de turismo. Assim, em vez de constituir um tema banal, o turismo é significativo em sua capacidade de revelar aspectos de práticas normais, que, caso contrário, poderiam permanecer opacas. (2001, p. 17)

## **O turismo e suas origens**

Considerado um fenômeno social, não se pode desvincular o desenvolvimento do turismo do desenvolvimento das sociedades, onde está inserido. Sendo assim, percebe-se a influência direta de conquistas e mudanças sociais, econômicas e ambientais no desenrolar de tal atividade. Excluindo-se as viagens e deslocamentos feitos por necessidades diversas sem uma articulação organizada entre os componentes da viagem, observa-se que é, por volta do século XVIII que os homens começam a procurar locais, fora de seus habituais de residência e trabalho, para passarem determinados períodos, por livre e espontânea vontade, iniciando certa ordenação dos elementos envolvidos em tais deslocamentos, restritos a uma singela parcela da população.

Nesse contexto, não se pode deixar de mencionar a revolução industrial. Essa se caracterizou como um momento de ruptura na conjuntura social vivida na época de seu acontecimento, caracterizando-se como um ponto crucial na história humana, chegando a ser considerada o segundo fato capital para a humanidade, enquanto o primeiro foi a revolução neolítica (DURHAM, 1984). Com a revolução, vieram seus desdobramentos, o êxodo rural e a consequente concentração populacional urbana; o desenvolvimento das máquinas a vapor, nesse caso, especialmente, dos meios de transportes como trens e navios; e o surgimento de uma nova classe social formada pela burguesia, são apenas alguns mais evidentes a se relacionarem diretamente com o desenvolvimento do turismo.

A aglomeração urbana, geralmente, desordenada, resultou em um cenário marcado por barulho, poluição do ar, lixo, tráfego e construções padronizadas que levaram a uma certa rotina existencial, fazendo surgir uma necessidade de evasão, mesmo que temporária, daqueles centros. Ao mesmo tempo, os transportes se modernizavam, a inserção do vapor nesses meios fez com que se tornassem não apenas mais rápidos como também mais confortáveis e seguros.

Já o surgimento da burguesia, talvez o efeito mais visível da revolução industrial do ponto de vista social, é carregado de um número expressivo de consequências peculiares a esta revolução. No entanto, atrelando-a ao desenvolvimento do turismo, percebe-se que é por causa do nascimento dessa nova classe que algumas iniciativas em direção ao fomento desta atividade são tomadas. Numa sociedade hierarquizada, onde no cume sempre figurou a nobreza e a aristocracia tradicional, viu-se apontar, próximo ao topo da pirâmide social, uma classe destituída de tradições. Em busca de diferenciações, as quais distinguissem a nobreza desses “novos ricos”, cria-se então a invenção da distinção (Boyer, 2003).

Assim, muitos destinos turísticos preponderantes, na atualidade, surgiram no passado, não só para atender à nobreza e à aristocracia, mas também para atender à burguesia, que logo começou a imitar os hábitos “nobres” da época, propagando as práticas de viagens entre um número cada vez maior de pessoas. A todos os viajantes era atribuído *status*, quer pelo seu poder aquisitivo para poder viajar, quer pelos conhecimentos adquiridos pela visita a culturas distintas. Ressaltando, mais uma vez, a predominância de viajantes homens, favorecendo, e sendo favorecida por, uma suposta supremacia do conhecimento masculino.

No Brasil, não há uma compilação organizada com dados e fatos sobre o desenvolvimento do turismo no país. Há dificuldades sobretudo, pela inexistência de registros dessa atividade na história nacional, assim como, pela dispersão de estudos e informações que poderiam ser utilizados para uma possível organização de tal histórico, que, aliados à falta de sistematização do setor, dificulta ainda mais as pesquisas e o entendimento do desenvolvimento do turismo aqui praticado.

No entanto, é possível observar que, desde o período de colonização, as viagens estiveram presentes no cotidiano nacional. Internamente, as viagens aconteciam de maneira rústica,

motivadas por interesses materiais, como buscas por pedras preciosas e ouro. No mesmo período, os ricos senhores de engenho nordestinos tinham por hábito enviar seus filhos para estudar em universidades europeias, principalmente, Coimbra. Estes, por sua vez, adquirem mais do que conhecimentos científicos, modos culturais do então soberano Velho Mundo, que foram reforçados pela vinda da corte portuguesa ao Brasil, em 1808.

No decorrer do século XIX, o país vivia em regime escravocrata, patriarcalista e imperial, sendo que, neste contexto, o cenário turístico apresentava-se ainda estagnado. Na segunda metade do século, Visconde de Mauá empreende o processo de inserção dos transportes movidos a vapor. Embora por interesses relacionados mais ao transporte de cargas, do que de passageiros, foi o embrião para o progresso dos meios de transportes em território nacional. No final do século, aboliu-se a escravidão, foi proclamada a República e o Brasil passa por novas e significativas reestruturações que serão percebidas nas décadas seguintes, através de diversas mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas que, muitas vezes, mesmo que indiretamente, refletem no desenvolvimento do turismo no país.

O turismo, que desde seu surgimento, constitui uma atividade elitista, embora atualmente seja considerado um fenômeno massificado, ainda revela relações de dominação e distinção por parte de uma minoria privilegiada na sociedade global contemporânea. Sendo que, ainda hoje, as tendências são lançadas por um grupo restrito detentor de algum tipo de status social e, posteriormente, são seguidas pelas classes subsequentes. Além disso, observa-se que a criação de um imaginário acerca de um determinado local e o contato real, proporcionado pela interação turística, pode promover a manutenção de relações díspares referentes a questões raciais, econômicas e de gênero.

Como pode ser percebido através de uma leitura mais atenta sobre as origens do turismo, essa é uma atividade que teve seu desenvolvimento inicial numa época em que a sociedade era dirigida pelos e para os homens. Desse modo, a prática do "*grand tour*", por exemplo, ou as viagens para estudos na Europa, dos que daqui partiam, eram praticadas e indicadas somente para homens. Assim também acontecia com os membros dos corpos diplomáticos, ou nos interessados em pesquisas sobre as ciências naturais. Esse fato implica não somente sobre a parcialidade da

identidade do escritor, como também, sobre o tipo de acesso e informações adquiridas sobre as mulheres.

## **Brasileiras e os relatos dos viajantes**

Por muito tempo, as narrativas dos(as) viajantes caracterizaram um tipo de literatura muito difundido na Europa, servindo de base para a construção do imaginário sobre a América, pois, naquela época, o ouvir ou ler eram os aparatos usuais, ao invés do ver, que fundamenta o ideário na contemporaneidade. As impressões sobre o “mundo desconhecido” eram passadas através de documentos diplomáticos, tratados de história natural e guias de viagem, que alimentavam a curiosidade dos(as) cidadãos(ãs) desejosos(as) de informações e aventuras. Michel de Certeau tratando sobre a leitura, evidencia como os leitores(as) se apropriam de terras desconhecidas:

[...] os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando bens do Egito para usufruí-los. A escritura acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica seu expansionismo de reprodução. A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido. (2008, p. 269).

Com tais considerações, observamos que os(as) viajantes<sup>2</sup> que se deslocavam para o Brasil entre os séculos XVII e XIX já tinham um imaginário forjado anteriormente, respaldado pelos relatos daqueles(as) que os(as) antecederam, aos quais conjugavam suas próprias convicções e ideologias.

---

<sup>2</sup> É interessante salientar que, apesar da menor freqüência, havia algumas mulheres que se aventuravam em terras brasileiras e também escreviam seus relatos. Muitas delas podiam fazer parte de expedições ou ter vindo mais tarde, com possibilidade de emprego (damas de companhia, professoras, governantas), para essas terras. Entretanto, por se tratarem de escritos realizados por mulheres, tornaram-se quase invisíveis, um dos motivos pelos quais a visão androcêntrica é preponderante na formação do imaginário sobre o país e seu povo.

Os estrangeiros que aqui aportavam e escreviam relatos sobre o Brasil eram, em sua grande maioria, homens, brancos. No entanto, as mulheres dessas classes viviam praticamente confinadas em seus lares, vigiadas por olhares punitivos frente a qualquer forma de sociabilidade não usual. Assim, com poucos encontros e oportunidades de desenvolver qualquer tipo de relações com as mulheres, deve-se admitir que muitas das impressões que constam nos relatos dos viajantes dos XVIII e XIX, eram mais baseadas no seu próprio imaginário e estórias ouvidas de terceiros, do que na experiência real aqui adquirida.

Muito por conta de relatos de viajantes europeus que se destinavam ao território brasileiro, as mulheres da colônia foram estereotipadas. Por sua sociabilidade restrita, imposta por pais ou maridos, eram julgadas sem cultura, desarrumadas e até mal educadas. Quando conseguiam fugir ao cerco de vigilância que lhes era imposto, e se entregavam a furtivos encontros amorosos, eram tidas então como libidinosas.

A respeito das índias e negras a especulação imaginária era ainda maior, visto que o conhecimento sobre a cultura original dessa parcela da população era praticamente nulo àquela época. Dessa forma, privilegiaram-se análises essencialmente estéticas que consideradas sem as devidas relações com as formações histórico-culturais nas quais se inseriam, cunharam um perfil, especialmente das negras, associados a uma sexualidade exacerbada.

Como as negras pertenciam a classes menos abastadas e eram menos influenciadas pelo catolicismo, formavam arranjos familiares mais simplificados que os habituais da época, além de serem vítimas do sistema escravocrata e suas decorrências. Assim, as representações acerca delas, quando apareciam nos relatos dos viajantes eram "pejorativas" descrevendo apenas seus comportamentos subversivos e seus atributos físicos.

Com a miscigenação deflagrada no Brasil desde a colonização, surgiram mestiços descendentes das misturas entre brancos, negros e índios, o que imprimiu características físicas próprias à população brasileira. E como as informações sobre as mulheres mestiças eram coincidentes com as das negras, percebe-se que é desde esse período que se inicia a constituição da imagem da mulher brasileira como sensual, atraente e, libidinosa frente ao estrangeiro.

É interessante notar, como aponta Richard Parker, que quer “fossem considerados inocentes como crianças ou selvagens perversos, os brasileiros nativos foram analisados e interpretados repetidamente em termos sexuais” (1991, p. 33). Esse realce dado à sexualidade, em especial das brasileiras (nativas) será mais tarde incorporado à imagem do país que, até a contemporaneidade, é famoso por suas mulheres.

### **Reflexos e reflexões sobre o imaginário na contemporaneidade**

As práticas de viagens, desde seus primórdios, são motivadas por interesses distintos. Porém, todas elas são alimentadas por um imaginário criado sobre o local de destino. No entanto, os imaginários podem ser de tal forma representativos que mais do que influenciarem fluxos de viagens e impressões sobre essas, passam, de alguma forma, a constituir a própria identidade dos locais e/ou de seus habitantes.

Embora alguns(mas) autores(as) tenham trabalhado no sentido de demonstrar o simbolismo presente nas formações históricas nacionais, grande parte do que foi produzido e, principalmente, do que se tornou amplamente difundido sobre a história do Brasil, alimentou e alimenta as reflexões baseadas no olhar colonizador, ou seja, o olhar de fora sobre o país e sua gente.

Os(as) brasileiros(as) são caracterizados(as) por “fazer falar o outro”, o que possibilitou que a “identidade nacional” (se é que é possível falar de uma identidade brasileira, no singular) tenha sido moderada pelos discursos estrangeiros dos séculos XVIII e XIX, segundo Eni Orlandi que, sobre essa questão, apresenta a seguinte reflexão:

Nem índios, nem europeus, somos produzidos por uma fala que não tem um lugar, mas muitos. E ‘muitos’ aqui é igual a ‘nenhum’. Desse lugar vazio fazemos falar as outras vozes que nos dão uma identidade. As vozes que nos definem. Europeu falando de índio produz brasilidade. Nós falando do que os europeus dizem de suas descobertas, falamos o discurso da nossa origem. (2008, p. 25).

É notório que as discussões sobre a identidade brasileira, invariavelmente, são mediadas pelos discursos fundados no imaginário dos colonizadores europeus. É a partir do olhar exterior que se constrói a identidade nacional: a partir do que eles querem ver/dizer sobre nós, definimos



a representação que fazemos de nós mesmos. Essa dicotomia está na atualização do imaginário que se difundiu antes mesmo do “achamento” oficial do país e é recorrente na construção da identidade atual dos(as) brasileiros(as).

Embora se possa argumentar que é característico de territórios colonizados terem as suas identidades culturais cunhadas sob os auspícios dos colonizadores e/ou outras influências hegemônicas, o caso brasileiro é bastante representativo já que, após a sua “descoberta” pelos portugueses, o país ficou sob regime colonial por mais de trezentos anos. Além disso, as produções nacionais, mesmo depois da Declaração da Independência, eram amplamente referenciadas pelo imaginário e pelos discursos já difundidos sobre o Brasil.

Tal perspectiva de apropriação do imaginário se observa até hoje nos mais diversos suportes midiáticos que não necessariamente voltados para o turismo, acabam interagindo com turistas potenciais e os influenciando com suas mensagens construídas. Conjuga-se dessa forma o imaginário a outra componente da conformação do interesse turístico se refere às expectativas em relação aos destinos. Como nos lembra John Urry,

Os lugares são escolhidos para ser contemplados porque existe uma expectativa, sobretudo através dos devaneios e da fantasia, em relação a prazeres intensos, seja em escala diferente, seja envolvendo sentidos diferentes daqueles com que habitualmente nos deparamos. Tal expectativa é construída e mantida por ruma variedade de práticas não-turísticas, tais como o cinema, a televisão, a literatura, as revistas, os discos e os vídeos que constroem e reforçam o olhar. (2001, p. 18).

Sendo que, a partir dessas (in)formações previamente construídas é que o turista vai vivenciar a experiência turística a que se propõe. Jonathan Culler observa que

O turista se interessa por tudo como um sinal da coisa em si... No mundo inteiro esses exercícios não declarados de semióticos, isto é, os turistas, se inflamam à procura dos sinais das demonstrações de francesismo, do comportamento italiano típico, de cenas orientais exemplares, de autopistas americanas típicas, de pubs tradicionais ingleses. (1981, p. 127).

Sinais que, como sabemos, são igualmente procurados na sensualidade “típica” das brasileiras que compõe um imaginário mais amplo relacionado a ideia de paraíso tropical. Pensando o exotismo como um termo que se refere a culturas e paisagens distantes, que têm suas

imagens construídas socialmente pela intermediação do imaginário colonialista, percebemos que o viés discursivo é crucial na definição das relações estabelecidas no contexto do turismo, especialmente aquele de cunho sexual. A esse respeito, Sônia Corrêa e Ana Paula Portela, afirmam:

O elogio da miscigenação pacífica traz uma compreensão da sexualidade feminina em que o corpo e o desejo nada mais são do que os lugares do prazer do homem e da empresa colonial. É aqui que começa a se formar uma concepção da sociedade brasileira que sobrevive até hoje e onde a sexualidade livre, prazerosa, e, segundo Freyre, 'desbragada' é pouco atenta a outras considerações que não o prazer e tem sido apresentada como um dos elementos centrais de nossa identidade. (1994, p. 24)

Articulando os discursos sobre sexualidade à formação da identidade brasileira não podemos deixar de lembrar a afamada carta escrita por Pero Vaz de Caminha noticiando o “achamento” das terras brasileiras ao rei de Portugal, narrativa plena de observações unilaterais sobre os costumes locais, destacando algumas passagens em que as nativas são descritas por suas atraentes formas físicas. Entretanto, os relatos que trazem a temática do “erotismo sem fronteiras que seria intrinsecamente brasileiro”, segundo Sônia Corrêa, não são prerrogativas dos primeiros relatores oficiais que aqui estiveram. Esse tipo de discurso é facilmente observável entre textos de viajantes, memorialistas e cronistas das mais variadas épocas.

[...] a lista vai de Voltaire no século XVIII a viajantes contemporâneos como Contardo Calligaris, passando por Mário de Andrade, Jorge Amado, Darci Ribeiro, entre muitos outros. Vários desses autores contrastam nossa 'falta de limites' ao primado da lei e da razão que devem ordenar o mundo, outros ficam apenas alumbrados e fazem seu elogio. Há finalmente aqueles como Calligaris, em Hello Brasil (1992), que examinam, com severidade, as perversões resultantes da ausência de lei nas esferas social e política, mas não conseguem resistir ao fascínio dos corpos brasileiros, produzindo mediações sociais as mais inusitadas. (CORRÊA, 1996, p. 154).

Esses discursos, que insistem em ressaltar a “sensualidade brasileira” como algo natural, inerente a toda e qualquer mulher nascida no território nacional, não se restringem a produções artísticas; eles são atualizados e internalizados através das mais diversas mídias circulantes na contemporaneidade. Corpos de mulheres são usados nas propagandas de variados produtos,

desde carros até alimentos e bebidas, e, assim, as empresas atuantes no *trade* turístico também se valem do recurso “corpo feminino sensual”, atrelando-o à identidade brasileira, para fomentar suas vendas.

Embora, há mais de uma década, as entidades governamentais que atuam no segmento turístico tenham coibido a utilização de mulheres em trajes sumários na publicidade por elas promovida, nas campanhas de empresas privadas, a associação ainda é livre. Além disso, não podemos deixar de lembrar que o turismo é uma atividade dirigida para um destino do qual se tem informações adquiridas através de variadas fontes e que é o acúmulo de conhecimento sobre determinada localidade que motiva ou não a viagem.

Sendo assim, a reiteração de discursos que alimentam o imaginário social sobre o Brasil composto por imagens de mulheres sensuais e pessoas em constante clima de festa e prazer, mesmo que não intencionalmente, potencializa o fluxo dos turistas que consideram tais características essenciais para a sua satisfação durante a viagem. Desse modo não poderíamos deixar de assinalar a influência do imaginário junto as mais diversas mídias contemporâneas, pois, segundo Antonio Carlos Franchi:

O turismo é uma atividade de exploração da subjetividade do ser humano, que, por sua vez, consente comprar um pacote turístico para usufruir ilusoriamente das imagens e sonhos que o turismo proporciona. Neste sentido, embora o turismo afete os diversos sentidos humanos, a sua principal linguagem é a imagem, e a partir dela, a publicidade torna-se uma importante ferramenta de persuasão. (FRANCHI, 2004, p. 142).

Destaca-se, aqui, a ideia de que a publicidade está em constante diálogo com as representações do imaginário social. Mas não é apenas a publicidade turística que interfere na imagem que as pessoas têm de determinados lugares ou povos, mas sim o imaginário recorrentemente atrelado aos locais e sua população, independentemente do produto que está sendo vendido. Tanto é assim que na pesquisa empreendida por Ana Paula da Silva e Thaddeus Blanchette sobre algumas peculiaridades do turismo sexualmente motivado em Copacabana (RJ), eles apontam três idealizações acerca dos(as) brasileiros(as), correntemente presentes nos

discursos de seus entrevistados estrangeiros, que, de certo modo, apontam para a imagem disseminada sobre o país e suas nativas. São elas:

A ideia de que os brasileiros – e particularmente as brasileiras – são dotadas de uma sexualidade ‘natural’ acentuada. A ideia de que as relações sociais expostas na cidade – particularmente as relações familiares e o papel da mulher na família – são típicas de um outro tempo, o passado dos países de origem dos gringos em questão. A visão da cidade como ‘perdedora’ (também do país como ‘perdedor’) – um espaço socioeconômico que não provê adequadamente a maioria de seus habitantes, particularmente as mulheres. (2005, p. 256).

Na esteira dessas considerações, percebemos que a busca pelo paraíso terreal que, contemporaneamente, se apresenta, em uma de suas vias, através do turismo voltado para a exploração de lugares ex-óticos<sup>3</sup> representa a colocação do povo brasileiro ainda na condição de “diferente”, sendo essa diferença razão para a desigualdade, ou seja, a condição de “exótico” ainda remete a ideia de selvagens e primitivos, inferiores, ou no caso acima citado, de mulheres luxuriosas, submissas e pobres.

Ao verificarmos a colocação das brasileiras no imaginário construído sobre o Brasil pudemos perceber que a realidade é distorcida pela manutenção das imagens amplamente aceitas, o que se deve ao interesse dominante em manter as mulheres em posição de subalternidade, uma ação que se desenvolve por meio da reiteração de discursos que, internalizados, dificultam apreciações críticas mais aprofundadas, ou mesmo a subversão da ordem vigente.

Embora possamos visualizar que, ao Brasil e ao povo brasileiro, foram atribuídas características “fantasiosas” existentes no imaginário dos europeus antes mesmo do achamento oficial do país, tais questões nem sempre foram explicitadas, sendo que, em diversos momentos, foram incorporadas ao discurso histórico que, de certo modo, é outorgado pela ciência, o que lhe confere *status* de verdade incontestada frente ao senso comum. Dessa situação, originam-se muitas das consequências relacionadas à aceitação e internalização das características atribuídas pelos estrangeiros ao povo brasileiro.

---

<sup>3</sup> Aqui entendido no sentido de for a do olhar.

Tais constatações nos remetem à consideração de Richard Parker acerca da questão da vivência da sexualidade brasileira. Diz ele:

Acho impossível para qualquer pessoa que passe algum tempo no Brasil, ou com brasileiros, ignorar até que ponto a noção de sexualidade ou, talvez melhor, de sensualidade, exerce influência na compreensão que eles têm de si próprios. A mais surpreendente qualidade desse fato é o grau em que essa noção está ligada, não simplesmente, como acontece com americanos e europeus, à percepção de existência individual, mas à autointerpretação de uma sociedade inteira. Na verdade, os brasileiros consideram-se como seres sensuais não apenas em termos de sua individualidade (embora isso também já seja importante), mas num nível social e cultural – como indivíduos sensuais, pelo menos em parte, em virtude de sua compartilhada brasilidade. E esta visão, por outro lado, desempenha papel importante na definição da natureza da vida brasileira em si própria e em relação ao mundo que a cerca, o mundo exterior, o mundo do estrangeiro. (1991, p. 22).

Nessa breve citação, podemos observar que a noção de sensualidade está intimamente atrelada à ideia de brasilidade mais do que característica pessoal, a voluptuosidade é aceita, de certo modo, como inerente à identidade brasileira pela população local e reconhecida como traço marcante pelos estrangeiros. Essa internalização pelas(os) brasileiras(os) e a identificação por parte dos(as) estrangeiros(as) acaba por alimentar a circularidade de clichês nas representações sobre o Brasil.

Mais do que reproduções parciais sobre a realidade local, verificamos que alguns aspectos são recorrentemente menosprezados em tais banalizações. As referências às mulheres, por exemplo, são, sem dúvida, marcadas por um discurso sexista em que qualquer consideração sobre relações sociais de gênero foi desprezada. A centralidade no europeu, criador dos estereótipos sobre os outros, fica clara quando observamos que as características atribuídas às mulheres orientais são as mesmas imputadas às brasileiras. De acordo com Edward Said, é facilmente perceptível nos escritos de viajantes e romancistas a ideia de que “As mulheres [orientais]<sup>4</sup> são em geral criaturas de uma fantasia de poder masculina. Manifestam uma sexualidade ilimitada, são mais ou menos estúpidas e, acima de tudo, insaciáveis” (2007, p. 282).

---

<sup>4</sup> Inserção da autora.

Embora já tenhamos abordado a questão da parcialidade na construção do imaginário social e mesmo dos estereótipos sobre os(as) brasileiros(as), não podemos deixar de destacar a evidência de que a criação desses e, conseqüentemente, de todo discurso que neles se apoia, é ancorada em pressuposições muito particulares relacionadas à posição do enunciador, que somente ganharam amplitude em função de conjecturas sociais que envolvem relações de poder que extrapolam a realidade individual, ou mesmo coletiva, dos objetos de tal representação.

Quando aludimos aqui às semelhanças entre o discurso sobre as mulheres orientais e as brasileiras é com a intenção exclusiva de ilustrar quanto essas narrativas tão internalizadas que constituem os imaginários sociais de diversas culturas não passam de auto referências dos enunciadores, no caso aqui em questão, os europeus. Pois, o que podemos observar são os valores e desejos de quem fala e muito pouco daquele(a) que é representado(a).

As construções imaginárias de uma cultura assim como as construções discursivas que as expressam têm se mostrado interessantes objetos de análise para diversas áreas de estudos que têm em vista discussões sobre as relações sociais atuais, onde certamente ponderações sobre as práticas turísticas contemporâneas se inserem. O plano simbólico demonstra ser de grande importância para possíveis entendimentos das iterações entre pessoas de distintas condições sociais, culturais e raciais e das imagens depositadas uma sobre as outras, ampliando a imagem daquele país ou região, pois revela como esse imaginário mais amplo e complexo, expresso por simples frases, dá a perceber, de modo mais claro, as interdependências entre os vários fatores envolvidos nos indivíduos e suas culturas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARANGUREN, Marysa Navarro. Mirada nueva - problemas viejos. In: Luna, Lola (org). *Mujeres y sociedad - nuevos enfoques teóricos y metodológicos*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1991.

BOYER, Marc. *A história do turismo de massa*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano, 1: artes de fazer*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

CORRÊA, Sônia. Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: ideias fora do lugar? In: BARBOSA, Regina Maria; PARKER, Richard G. (Orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA/IMS/UERJ, 1996. p. 149-159.

CORRÊA, Sônia; PORTELA, Ana Paula. *Percurso da sexualidade (feminina)*. Recife: SOS Corpo-Gênero-Cidadania, 1994, p. 24. (Cadernos Temáticos).

CULLER, Jonathan. Semiotics of tourism. *American Journal of Semiotics*, v. 1, n. 2, p. 127-140, 1981.

DURHAM, Eunice Ribeiro, em A. A. Arantes (org), *Produzindo o passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FRANCHI, Antonio Carlos P. O marketing e os efeitos receptivos no turismo. In: DORTA, Lurdes; DROGUETT, Juan (Orgs.). *Mídia, imagens do turismo: uma proposta de desenvolvimento teórico para as áreas de comunicação e turismo*. São Paulo: Textonovo, 2004. p. 119-144.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à vista, discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*.

2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2008.

PARKER, Richard G. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Tradução Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1991.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Ana Paula da; BLANCHETTE, Thaddeus. Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu*, n. 25, jul./dez. 2005. p. 249-280.

SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana; COSTA, Suely (trad). A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres. Ensaio de historiografia. *Revista Gênero*. NUTEG - vol 2, n1 (2 sem de 2000). Niterói: Eduff, 2000.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura – 3ª ed. – São Paulo: Studio Nobel, SESC, 2001 – Coleção Megalópolis.